

A ESTAÇÃO DO BRONZE FINAL DA REGUEIRA

Vitorino de Piães — Ponte de Lima

por **Carlos A. Brochado de Almeida**
Maria Isaura dos Santos Maia
Maria Manuel Lopes Moreira
António José Baptista

Os vasos que motivam esta notícia foram encontrados nas Boucinhas, lugar da Regueira, freguesia de Vitorino de Piães, concelho de Ponte de Lima (Fig. 1).

O sítio em questão, está situado nas imediações e a Poente do rio Neboíinho, na base meridional de uma colina de suave pendor onde se localiza a quinta do Paço e uma capela dedicada a S. Pedro. O momento do achado remonta a 1989, altura em que o local foi objecto de um surribamento que transformou uma boa parte de uma bouça em terra de vinho (Est, I, 1).

Alertados pelo Rev. P.^e António Baptista, digníssimo pároco da freguesia da Facha¹, deparamos com um pequeno cabeço, de vertentes suavizadas por séculos de actividade humana, rodeado de bons solos

¹ Agradecemos ao Sr. Dr. Francisco Dantas Viana, proprietário do terreno, as facilidades concedidas para o estudo dos materiais bem como a sua oferta ao Museu dos Terceiros de Ponte de Lima.

agrícolas, à primeira vista desprovido de estruturas defensivas. No local, para além dos vasos fragmentados e de evidentes sinais de uma fossa cavada no saibro (Est. I, 2) que compunha o solo base, abundava a telha de cobertura de época romana (tégula) e sinais de aí ter havido — num período que medeia entre a Romanização e a Alta Idade Média — possivelmente pequena unidade de exploração agrária. Mas uma análise mais pormenorizada ao «corte estratigráfico» realizado pela máquina de terraplanagem, permitiu detectar restos de uma segunda fossa e a certeza de os vasos recolhidos provirem de ambas.

Impossibilitados, pela destruição quase total das fossas, da realização de uma escavação que nos permitisse a recolha de elementos que possibilitassem uma melhor compreensão deste tipo de estruturas subterrâneas, limitámo-nos a limpar e a analisar o que delas restava. Ambas tinham formato oval e haviam sido cavadas num solo de saibro macio. A sua profundidade rondava os 0,60m e, pelos sinais remanescentes, para além dos vasos, as fossas estariam cheias de terra acastanhada. Cobria-as uma camada de 0,30m de terra vegetal onde se misturavam fragmentos de tégula e de ímbrex². Por informação dos achadores foi ainda possível apurar que dois deles (Fig. 2 e 3) provinham da mesma fossa, enquanto que o terceiro (Fig. 4) se encontrava isolado.

MATERIAL

1 — Vaso n.º 1 (Fig. 2)

1.1 — *Caracterização morfológica*

Forma completa sub-cilíndrica, com leve estrangulamento do colo. O bordo, flectido para o exterior, é oblíquo e ligeiramente engrossado para o interior com o lábio arredondado. O fundo é plano com a base da pança de perfil exterior convexo. Apresenta uma asa de preensão horizontal, abaixo do bordo até à zona média da pança, aplicada após a feitura do vaso.

Dimensões: Alt. máxima: 25 cm

Diâm. ext. boca: 15,6 cm

Diâm. fundo: 9,4 cm

Espes. mín.: 0,4 cm

² Tais vestígios devem provir de uma estrutura, que pode ser habitacional e certamente afim, em cronologia, à ocupação da quinta do Paço.

1.2 — *Caracterização técnica*

1.2.1 — *Decoração*

Ausência de decoração

1.2.2 — *Cor*

Coloração vermelho-acastanhada, pouco homogénea, com manchas negras e cinzas. Enquanto que na superfície externa ambas as características se concentram à volta da asa e da zona envolvente, na parede interna elas acentuam-se particularmente no fundo e base da pança.

1.2.3 — *Pasta*

Pasta homogénea, com fabrico de mediana qualidade e pouco desengordurante. Numa observação macroscópica registam-se palhetas de mica de pequeno calibre (<0,5 mm), alguns grãos de quartzo de médio e grande calibre (< 1 mm) e alguns elementos vegetais. A presença de um cerne carbonoso revela cozedura redutora-oxidante, possivelmente efectuada em ambiente redutor com posterior arrefecimento em ambiente oxidante.

1.2.4 — *Superfícies*

Superfícies muito corroídas no exterior. São visíveis vestígios de alisamento e de polimento em ambas as faces.

2 — **Vaso** (Fig. 3.1)

2.1 — *Caracterização morfológica*

Forma sub-ovóide, incompleta, já que não possui o bordo. A pança é ligeiramente divergente, sendo o perfil exterior convexo. Apresenta ombros convergentes e fundo plano.

Dimensões:

Alt. máx.: 39 cm

Diâm. máx.: 33,6 cm

Diâm. fundo: 12,4 cm

Espes. máx.: 1,2 cm

Espes. mín.: 0,8 cm

2.2 — *Caracterização técnica*

2.2.1 — *Decoração*

Decoração plástica com cordões simples de secção sub-triangular, adicionados após a confecção do vaso e distribuídos por duas zonas diferentes: na parte média da pança formam um meandro de feição irregular, próximo do ombro dão origem a pequenos arcos intervalados (Fig. 3.2).

2.2.2 — *Cor*

A coloração da pasta é relativamente homogénea, predominando o tom vermelho-acastanhado. As manchas negras distribuem-se mais acentuadamente pela parte média da pança, coincidindo com a zona do meandro. Nas paredes internas essa distribuição é bem menos nítida e tende a espalhar-se pela parte média e superior do bojo. Os resíduos de cinzas são menores que no vaso n.º 1 e repartem-se pela zona média/superior da pança.

2.2.3 — *Pasta*

Pasta homogénea, de textura compacta e fabrico de boa qualidade. Integra uma pequena quantidade de elementos quartzíticos e feldspatos de grande calibre (> 1 mm). Observam-se palhetas de mica de pequeno calibre, (< 0,5 mm) e algumas substâncias orgânicas. A existência de um cerne carbonoso, tal como no vaso n.º 1, revela cozedura redutora-oxidante.

2.2.4 — *Superfícies*

As superfícies, apesar de ligeiramente corroídas, encontram-se alisadas e polidas.

3 — **Vaso n.º 3** (Fig. 4)

3.1 — *Caracterização morfológica*

Forma aberta, sub-ovóide, quase completa. Bordo flectido para o exterior, oblíquo, de lábio arredondado. Colo pouco estrangulado e

paredes convexas. Fundo ligeiramente convexo. No colo, início da pança, foi colocada uma asa que nos seus arranques superior e inferior dista do bordo, respectivamente, 4,5 cm e 11,5 cm. Trata-se de uma asa de prensão horizontal, de pequenas dimensões, aplicada após a feitura do vaso.

Dimensões

Alt. máx.: 46 cm

Diâm. ext. boca — 29 cm

Diâm. fundo — 20 cm

Esp. máx.: 1 cm

Esp. mon.: 0,6 cm

3.2 — *Caracterização técnica*

3.2.1 — *Decoração*

Decoração plástica, com cordões simples, tal como no vaso dois. Sobre o colo/início da pança, foram colocados dois cordões horizontais que coincidem com o arranque superior e inferior da asa e que distam cerca de 6,5 cm um do outro.

Um cordão idêntico foi colocado na parte inferior da pança, a cerca de 12,5 cm do fundo. Na parte média do bojo é visível um cordão que, arrancando do anterior quase verticalmente em direcção à zona superior da pança, faz uma curvatura descendente, formando depois uma linha quase oblíqua. O cordão dilui-se ou desaparece antes de se unir novamente ao cordão horizontal inferior. A sequência decorativa é extremamente difícil de reconstituir devido à sua fragmentação.

3.2.2 — *Cor*

Coloração castanho-alaranjada, apresentando algumas manchas negras e cinzas. Se na superfície externa as manchas apresentam uma distribuição aleatória, o mesmo não acontece na parede interna. Manchas e cinzas concentram-se essencialmente na parte média/superior da pança, prolongando-se as primeiras pela zona de fractura interna do vaso. Ambas atingem o bordo externo. De salientar que o fundo não apresenta vestígios de contacto com o fogo em qualquer das superfícies. Ao contrário dos outros dois vasos, o cerne é menos acentuado.

3.2.3 — *Pasta*

Pasta de textura homogénea e compacta. Registam-se feldspatos e mica de pequeno calibre (< 0,5 mm) e grãos de quartzo de médio (0,5 — 1 mm) e grande calibre (> 1 mm) em pequena quantidade. São poucos os vestígios de matéria orgânica.

3.2.4 — *Superfícies*

As superfícies, um pouco corroídas, dificultam a sua descrição. Pelo que se consegue analisar, são alisadas e parecem apresentar um engobe castanho-avermelhado.

PARALELOS

Embora seja notório o «ar de família» entre o conjunto atrás referido e recipientes enquadrados na Idade do Bronze, torna-se extremamente difícil integrá-los em qualquer das tipologias cerâmicas até agora elaboradas ou, simplesmente, estabelecer paralelos com vasos noticiados isoladamente. De facto, se existem evidentes semelhanças quanto à sua caracterização técnica, o mesmo não se pode dizer relativamente à morfológica. Não nos escusamos, apesar disso, de tal tarefa, mesmo sendo as comparações efectuadas sempre muito genéricas e susceptíveis de discussão. Não se fizeram, aliás, sem interrogações.

Não integramos o vaso n.º 1 no conjunto das formas tronco-cónicas, tão frequentes neste período. Aproximámo-lo sim, de vasos que, como este, apresentam um aspecto sub-cilíndrico, tendo ou não asa, possuindo ou não decoração. Consideramos, apesar de tudo, apresentar algumas semelhanças com o vaso da sepultura II do Tapado da Caldeira, descrito por S. O. Jorge³ como situado «entre o sub-cilíndrico e o tronco-cónico», com perfil sinuoso e uma asa de preensão horizontal, salvaguardando, no entanto, certas diferenças no que toca ao fundo, bordo, decoração e dimensão. À excepção deste recipiente, não encontramos no Noroeste Peninsular qualquer outro exemplar do género. Foi, antes, nas regiões centro e sul que surgiram as formas mais aproximadas. Remetemos,

³ JORGE, S. Oliveira, *A Estação do Tapado da Caldeira (Baião)*, «Portugália», N/S, n.º 1, Porto, 1980, pág. 29-50. JORGE, S. Oliveira, *A Sepultura II do Tapado da Caldeira (Concelho de Baião)*, «Trabalhos do Instituto de Antropologia Doutor Mendes Correia», n.º 41, Porto, 1980.

assim, para o tipo B de Sena Martinez⁴ definido pelo colo estrangulado (particularmente para os vasos 983.2.30 e 983.2.45) e, sobretudo, para recipientes da área de Sines (vaso da sepultura 10 da Quitéria) e vaso da área habitacional da Quitéria, Herdade do Pessegueiro) referidos por Carlos Tavares e Joaquina Soares⁵ e Armando C. Ferreira da Silva⁶.

Relativamente aos vasos n.º 2 e 3 levanta-se-nos, antes de mais, a hipótese de estarmos perante a mesma forma — recipiente de grandes dimensões, sub-ovóide, com asa(s) de prensão horizontal e decoração plástica à base de cordões — possibilidade que não podemos confirmar dada a fragmentação do vaso 2. Em qualquer dos casos, julgamos só os poder, genericamente, aproximar de recipientes que, como estes, são de grandes dimensões. É o caso das formas 1, 2, 3 e 4 de Beiriz (Póvoa de Varzim) referidas por Armando C. Ferreira da Silva⁷, os tipos 1, 2 e 8 do Povoado da Bouça do Frade (Baião) estabelecidos por S. O. Jorge⁸, o vaso da estação de Pedroso (Cabeceiras de Basto) noticiado por Sande Lemos⁹ e os grandes vasos de Monte Calvo (Baião) mencionados por A. Huet Bacelar Gonçalves¹⁰.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O sítio onde apareceram os vasos está localizado num amplo e bem encaixado alvéolo onde, bem cedo, começaram a ser experimentadas algumas formas de agricultura. Para isso terão contribuído alguns solos

⁴ SENNA MARTINEZ, J. C., et alii, *Contribuição para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: Olaria da Idade do Bronze (I)*, «Clio / Arqueologia», Revista da UNIARCH, Vol I, Lisboa, 1983-84, pág. 126.

⁵ SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina, *Pré-História da Área de Sines*, Trabalhos Arqueológicos de 1972-77, Lisboa, 1981, pág. 160.

⁶ SILVA, Armando Coelho Ferreira da, *A Idade dos Metais em Portugal*, «História da Arte em Portugal», Ed. Alfa, Vol. I, pág. 116.

⁷ SILVA, Armando Coelho, Ferreira da, *As fossas ovoídes de Beiriz e a problemática das práticas funerárias no final da Idade do Bronze*, «Actas do Colóquio Santos Graça de Etnologia Marítima», Vol. III, Póvoa de Varzim, 1985, pág. 13-20.

⁸ JORGE, S. Oliveira, *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*, «Monografias Arqueológicas», G.E.A.P., Vol. 2, Porto, 1988.

⁹ LEMOS, Francisco Sande et alii, *Actividade Arqueológica, 1976-80*, Braga, pág. 32-36.

¹⁰ GONÇALVES, A, Huet Bacelar, *A Estação Pré-Histórica de Monte Calvo, Baião. Notícia Preliminar*, «Arqueologia», Vol. 3, Porto, 1981, pág. 77-87.

de meia-encosta servidos por linhas de água, a boa exposição solar e a protecção contra os ventos dominantes, entre os quais avultam os de N.NW.

Foi este espaço, que hoje se define como área administrativa de Vitorino de Piães, um sítio propício à fixação humana desde o deambular do I milénio aC., a fazermos fé nas cronologias que autores como S. O. Jorge apontam para este tipo de vasos¹¹.

Não vamos discutir se as fossas aqui encontradas fazem parte de «estruturas subterrâneas de armazenamento»¹² ou se indiciam «uma função funerária»¹³, pois não tivemos acesso a uma intervenção arqueológica que poderia ajudar a desfazer dúvidas que subsistem. Também não sabemos quantas mais poderão ter sido destruídas ou quantas poderá haver ainda no sector da bouça, aparentemente não remexida. Sabemos, isso sim, que os vasos se apresentam parcialmente queimados, mesmo com sinais de cinzas em ambas as faces. Se estivermos perante fossas sepulcrais, as manchas de queimado e fuligem poderão explicar pela presença de cinzas ainda fumegantes provenientes de uma incineração. Mas tais sinais poderão também advir, da combustão do grão armazenado e neste caso, as fossas, com os seus recipientes, terão cumprido a função de armazenagem. Afinal uma situação que reflecte, de certa maneira, o Povoado da Bouça do Frade em Baião, onde um recipiente concebido para armazenamento e/ou transporte tinha, no seu interior, um vaso mais pequeno provido de asa lateral¹⁴.

São, devido à natureza do achado e à ausência de escavações, mais as dúvidas que as certezas quanto ao tipo de estruturas aqui existentes na primeira metade do I milénio aC.

Analisando a área e a ausência de estruturas definidoras, somos tentados a incluí-lo no grupo de povoados com fossas, de tipo aberto, normalmente situados em zonas de planura, o que aliás está de acordo com a Bouça do Frade, Lavra, Monte Calvo e Vale de Quintela¹⁵.

A um tal habitat, que nos parece de diminutas dimensões, bastaria um território potencialmente explorável de 12 minutos, o que equivaleria à maior parte da área alveolar de Vitorino de Piães, provida de solos

¹¹ JORGE, S. Oliveira, op. cit., pág. 81-82.

¹² IDEM, pág. 67.

¹³ SILVA, op. cit. pág. 18.

¹⁴ JORGE, op. cit. pág. 73-74 e Fig. 44.

¹⁵ IDEM, pág. 75.

agrícolas de razoável qualidade¹⁶. Tal facto não invalida a hipótese de o mesmo poder alargar a sua área de influência até aos 30 minutos e assim atingir as vertentes da serra da Padela e especialmente da Nó, onde, na Idade do Ferro, surgirão os castros de Trás-Cidade, Cresto e Alto de Valadas¹⁷ e naturalmente uma maior diversidade morfológica e de aprovisionamento. As encostas eram terrenos propícios à presença do carvalho, do sobreiro, do castanheiro, do salgueiro, da aveleira e a uma heterogeneidade de espécies arbustivas e sub-arbustivas, entre as quais avultariam os codeços, a giesta, o azevinho e o espinheiro, tal como a meia-encosta e o vale, pela especificidade dos solos, favoreciam o desenvolvimento de determinadas culturas arvenses. Por isso não espanta a localização de um habitat deste tipo nas imediações do Neboinho, uma escolha que, na nossa perspectiva, se pode considerar bem delineada tendo em vista a topografia e as potencialidades do território circundante, numa altura em que davam os primeiros passos alguns dos castros da região limiana. Referimo-nos, muito concretamente, ao castro do Peso em S.^{ta} Leocádia de Geraz do Lima, ao castro de S.^{to} Estevão da Facha¹⁸ e ao Alto da Telha em Arcozelo¹⁹ que, providos de defesas naturais e artificiais e com cerâmicas e artefactos metálicos conotados com o Bronze Final, podem ser considerados, no âmbito da terminologia para aquele período, povoados de altura desprovidos de fossas. Por outras palavras tal tipo de implantação obedecia a imperativos de estratégia ocupacional e de funcionalidade e visava objectivos diferentes, se bem que complementares aos que presidiram às ocupações de tipo aberto, localizadas em encostas ou em vales amplos e abertos como aquele que agora noticiamos.

¹⁶ Providos de solos agricolamente pobres estavam, por exemplo, povoados como A Bouça do Frade e Alto da Caldeira situados na Serra da Aboboreira, JORGE, S. Oliveira, *O Povoado da Bouça do Fade...* pág. 84.

¹⁷ ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; BAPTISTA, António José, *Castros e Castelos de Ponte de Lima*, «I Colóquio Galaico-Minhoto», Ponte de Lima», 1981. ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, Viana do Castelo, 1990, pág. 48-53.

¹⁸ SOEIRO, Teresa, *Castro do Peso*, «Arqueologia», n.º 3, Porto, 1981, pág. 99-102; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de et alii, *Relatório das Escavações do Castro do Peso* «Cadernos Vianenses», Vol. IX, Viana do Castelo, 1985, pág. 263-281; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Proto-História...*, Viana do Castelo, pág. 42-44; ALMEIDA, C. A. Ferreira de et alii, *Escavações Arqueológicas em S.^{to} Estevão da Facha*, «Arquivo de Ponte de Lima», 1981.

¹⁹ Neste local apareceram recentemente algumas cerâmicas que, à priori, se poderão atribuir à Idade do Bronze. Todavia só um estudo aprofundado, alicerçado em sondagens arqueológicas, poderá determinar a cronologia, o tipo e o grau de ocupação de um sítio que no final do mundo romano conheceu uma outra forma de ocupação.

Até ao momento o único referencial do Bronze Final que conhecemos neste alvéolo é a estação das Boucinhas, lugar da Regueira. De fora ficam, por desconhecimento da sua diacronia ocupacional, os castros sediados ao longo da crista meridional da Serra da Nó e sobranceiros ao alvéolo de Vitorino de Piães. Desconhecemos, por ausência de intervenções arqueológicas e de recolha de materiais conotados com o Bronze Final, se algum destes habitats, nas suas estruturas mais remotas, é contemporâneo da ocupação da Regueira e a sê-lo, que tipo de relacionamento haveria entre dois povoados que teoricamente poderiam disputar um território potencialmente explorável de 30 minutos?

Melhor conhecido é o quadro ocupacional posterior pois, para além dos castros atrás apontados, há ainda a assinalar o de S. Simão situado num cabeço que, pode-se dizer, controla e «fecha» o alvéolo pelo lado sul.

A actividade agrícola, que já conhecemos no Bronze Final, será gradualmente incrementada a partir destes habitats castrejos. As zonas potencialmente mais exploradas serão as situadas nas vizinhanças dos habitats até que, com o início da romanização, o interesse pela actividade agrícola aumentará a pontos de se iniciar a efectiva ocupação dos melhores solos agrícolas, estejam eles situados na meia-encosta ou a caminho do vale²⁰. Um exemplo típico, daqueles que ganham vida e projecção no mundo romano e estendem a sua funcionalidade até aos dias que decorrem, é o Paço, topónimo que designa uma ampla área que se estende até ao outeiro de S. Pedro, sítio onde se documentam duas cabeças de ara e uma lagareta, esta cavada num dos muitos rochedos que povoam o alto.

No Paço, típica casa solarenga do Minho que outrora pertenceu a Filgueiras Gayo, possível resquício de um milenar «fundus» de um «dominus» de época romana, avultam vestígios que vão da tégula e da cerâmica comum de época romana, à comprovada existência de estruturas perdidas sob camadas de terra surribada onde crescem milheirais e prosperam vinhedos.

A romanidade continua patente na cabeça de ara encontrada junto à igreja paroquial e nos fragmentos de tégula que aqui e ali vão sendo detectados — Cartas, Outeiro — e que comprovam a lenta mas progressiva caminhada da agricultura na direcção dos terrenos mais fundos, mais próximos das linhas de água e por isso mesmo desprotegidos e sujeitos a cíclicas quão destrutivas inundações.

O quadro pós-romano permanecerá mais ou menos imutável até estádios adiantados da Alta Idade Média. No sítio onde hoje se ergue a

²⁰ ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Proto-História...* pág. 257 e sg.

igreja paroquial construir-se-á um primeiro templo cristão, provavelmente sob os escombros de um pequeno «fanum» rural e do qual poderá provir a fragmentada ara recolhida, em boa hora, no Museu dos Terceiros de Ponte de Lima. Relacionados com esta primitiva igreja estão, salvo cronologia mais credível, alguns túmulos com tampa decorada em estola²¹ há anos aparecidos nas obras que remodelaram o adro e seus acessos, bem como um ajimez, aos quais os especialistas atribuem uma cronologia pré-românica.

Símbolo de um reordenamento e certamente das incertezas sentidas no final do Império Romano com a chegada dos Suevos, é o povoado do Sabugueiro, instalado junto à via secundária que, vinda dos lados de Barcelos, fazia a ligação à Via XIX²². Situação que, na sua crónica, o Bispo Idácio bem explicita ao escrever que na Gallaecia, no decurso do século V, imperou o confronto político-militar e a disputa bélica. Situação que se agravaria com o aparecimento de fomes, de mortíferas pestes, a pontos de redundar, num curto espaço, senão num recuo, pelo menos numa certa estagnação demográfica.

Será este pequeno povoado implantado num montículo de diminuta expressão, a pontos de quase se confundir com a paisagem envolvente, um dos «castella» mencionados pelo bispo de Chaves²³? Seja como for, o que não se pode negar é que o povoado esteve protegido por uma muralha em talude, tipo «castro agrícola», o que pressupõe uma necessidade de defesa no momento em que a situação político-militar, entre Hispano-Romanos e Suevos, já de si difícil, se agravaria com o diferendo que opunha estes aos Visigodos²⁴.

Povoado deste tipo ou similar é o de Vilarinho, freguesia da Seara (Ponte de Lima)²⁵, ou de Queijeiros em Abade de Neiva, cercania da

²¹ Estes túmulos que foram estudados por BARROCA, Mário Jorge, *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*, policopiado, Porto, 1987, pág. 242 encontravam-se, ainda recentemente, em estado de semi-abandono, nas proximidades do adro e face à estrada municipal.

²² ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Proto-História...* pág. 252-254.

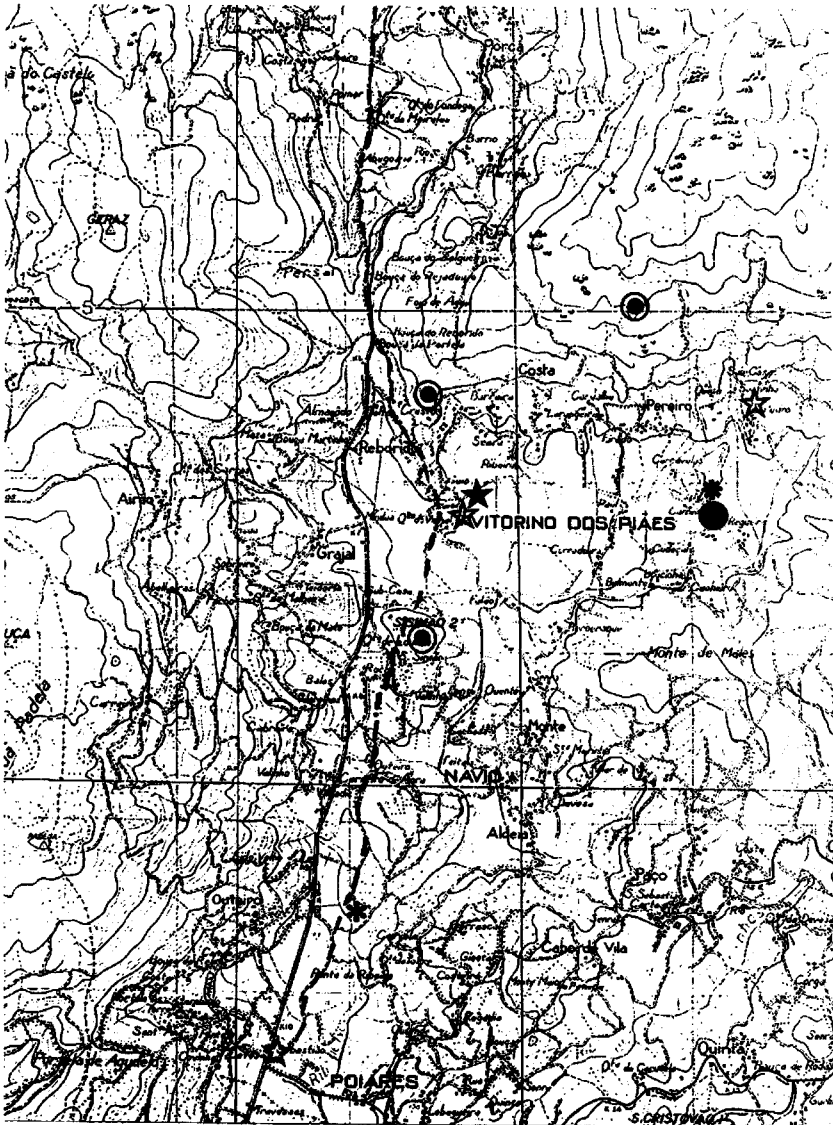
²³ «Quae castella tutiora retinebat».

²⁴ Para este tema Cfr. GARCIA MORENO, Luís A., *Historia de España Visigoda*, Madrid, 1989; ORLANDIS, José, *El Reino Visigodo, siglos VI y VII*, «Historia Económica y Social de España. La Antigüedad», Madrid, 1973, pág. 453-594.

²⁵ Por possuir características similares às dos «castros agrícolas» assim o classificamos na obra que publicamos em 1990 sobre a proto-história e romanização do vale do Lima. Aproveitamos agora o ensejo para a necessária correção. ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Proto-História...* pág. 98.

²⁶ SILVA, Armando Coelho Ferreira da, op. cit. pág. 19 e Est. V.

cidade de Barcelos. Do mesmo período será também a ocupação mais recente do Alto da Telha, na divisão da freguesia de Arcozelo com Sá, concelho de Ponte de Lima. Situado num esporão a Sudoeste do castro de S.^{to} Ovídio (Arcozelo), em cuja área de influência (Penedo do Urso) apareceu um vaso de colo alto, com faixa decorativa à base de dedadas verticais²⁶ é, pela sua implantação topográfica e situação geográfica, o sítio ideal para se controlar a navegação do Lima até à foz e o trânsito que fluía pela via XIX — através da ponte sobre o Lima — em direcção à actual Galiza.









	CASTRO		POVOADO TARDO-ROMANO
	ARA		PAÇO (TÉGULA)
	TÚMULO EM ESTOLA		VIA ROMANA SECUNDÁRIA

Fig. 1



Est. I, 1



Est. I, 2

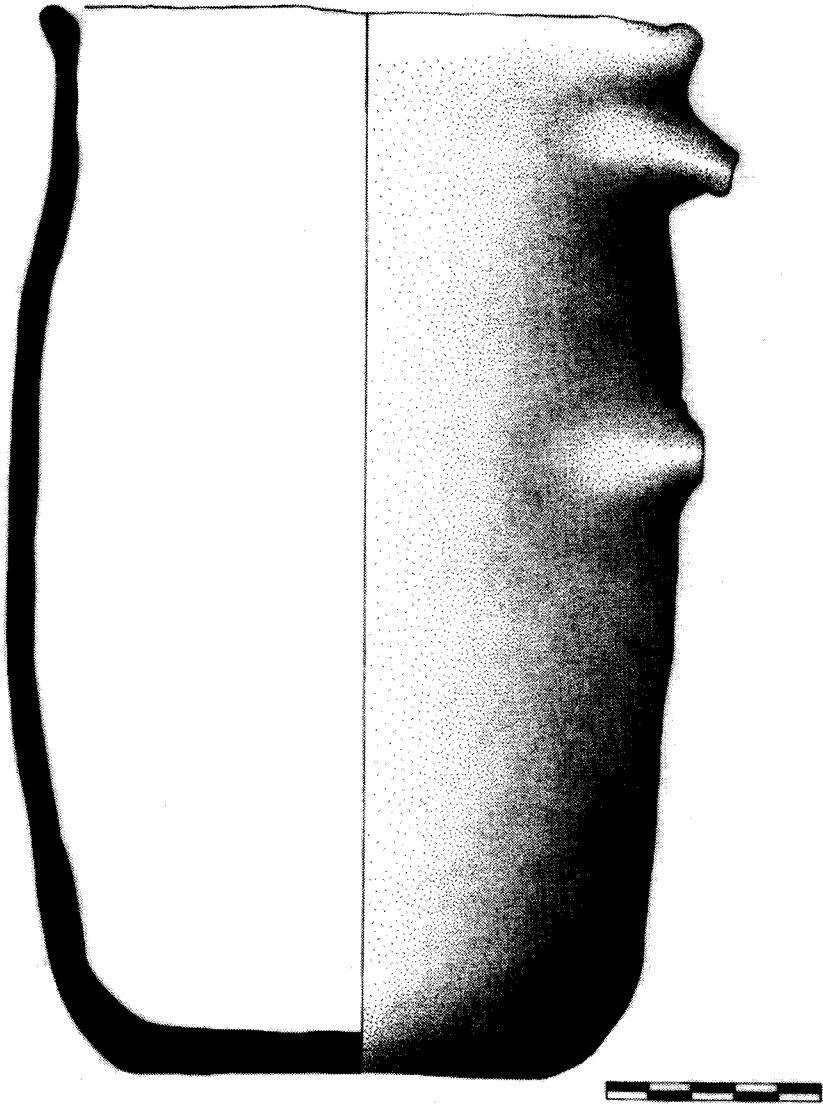


Fig. 2

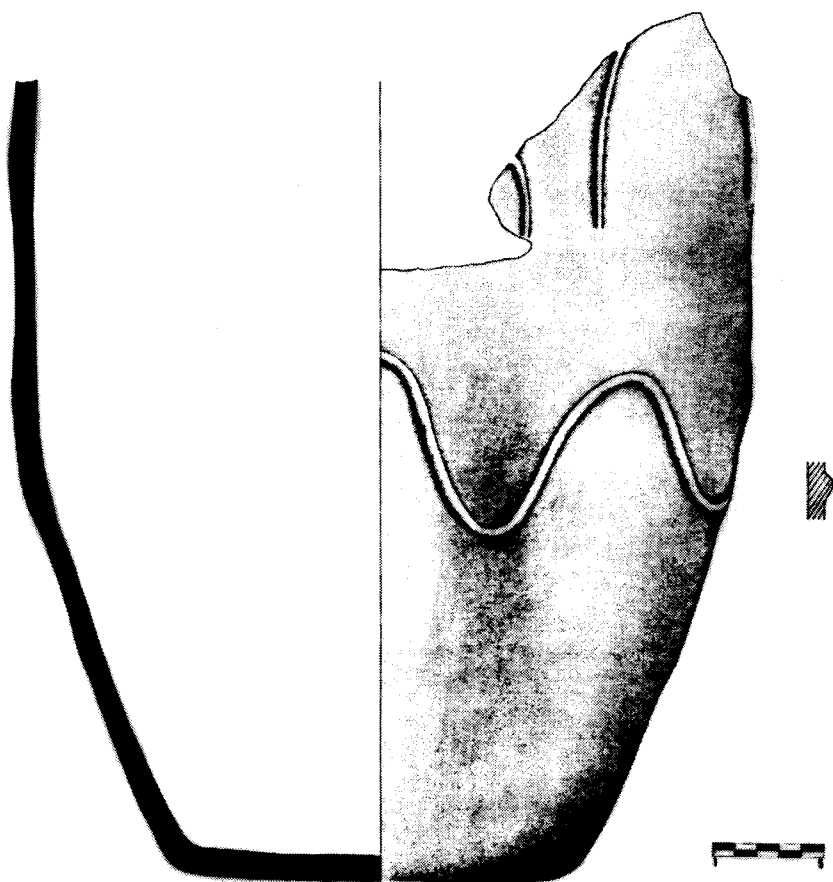


Fig. 3.1

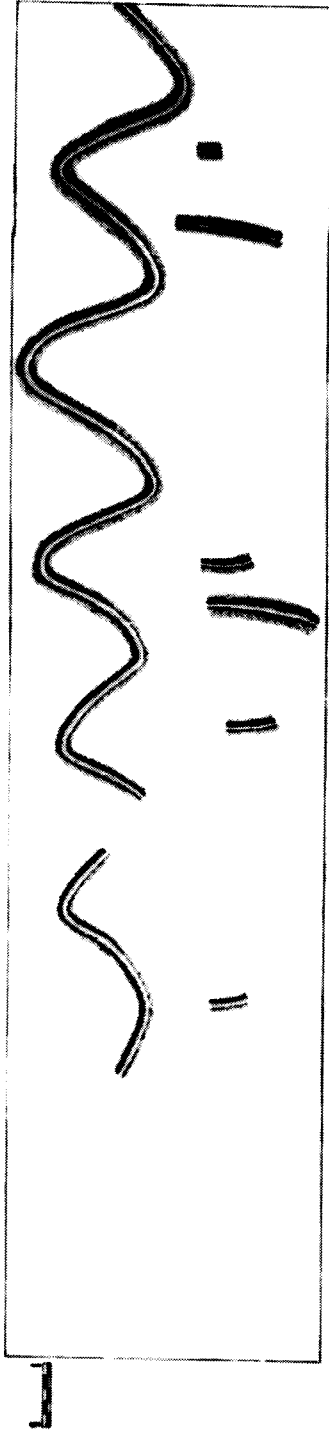


Fig. 3.2

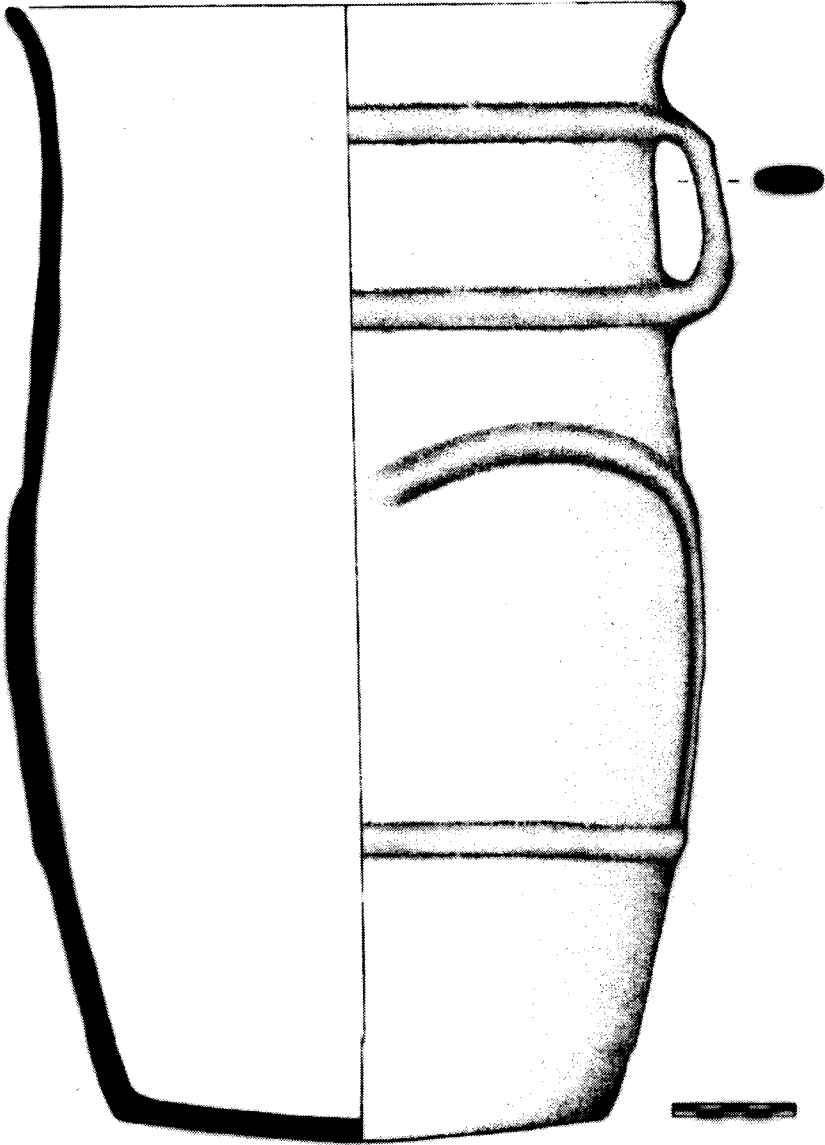


Fig. 4

